

# Cidades mais inteligentes podem ter um retorno de investimento de 60 mil milhões de dólares à escala global

17 de Janeiro, 2020

Estudo sobre o impacto de mudanças tecnológicas, económicas e demográficas em indústrias, cidades e empresas alerta que as cidades no mundo inteiro podem alcançar 60 mil milhões de dólares de retorno de investimento das Smart Cities.

Os dados foram apresentados por Miguel Eiras Antunes, Líder global de Smart Cities e Governo Local na Deloitte em conjunto com Lou Celi, CEO do centro de investigação norte-americano ESI ThoughtLab no último Smart City Expo World Congress (SCEWC) em Barcelona, evento líder internacional para as cidades e soluções inteligentes urbanas.

Reunindo um *benchmarking* de 100 cidades, bem como dados e *insights* de líderes urbanos de Smart Cities de quatro grandes pilares de transformação (tecnologia, dados, cibersegurança e cidadãos conectados), concluiu-se que existem avultados benefícios económicos, comerciais e sociais se as cidades se tornarem melhor conectadas e inteligentes, com impacto em áreas tão diferentes como a mobilidade, a saúde, segurança pública, governo, empresas e, conseqüentemente, na vida de residentes e visitantes das cidades.

Os dados assinalam que o retorno financeiro é apenas um dos fatores da equação. A ele somam-se os benefícios sociais e ambientais, tais como a redução da criminalidade e do congestionamento, assim como um progresso na saúde pública e no nível de vida. Em suma, 43% das cidades pesquisadas (e 52% dos *city* líderes) estariam dispostas a investir num projeto apenas com benefícios sociais e 38% espera obter benefícios intangíveis que não podem ser medidos através do ROI.

Miguel Eiras Antunes, líder global de Smart Cities na Deloitte, assinala que “certo é que as cidades esperam, em média, aumentar os seus investimentos em Smart City em 14% no próximo ano. Para rentabilizar este investimento, a colaboração entre ecossistemas inovadores é uma estrada de um só sentido rumo à ambição global da Deloitte, alinhada com três objetivos: tornar as pessoas mais felizes, aumentar a competitividade económica e utilizar os recursos naturais de forma inteligente. Ser uma smart city é muito mais do que um ‘have to do’ em termos de tendência: o impacto é gigante na vida das pessoas”.

O estudo classificou cidades de acordo com três estados – implementadores, promotores e líderes. O estudo assinala ainda que – de acordo com as cidades – os investimentos em Internet of Things (IoT) irão duplicar nos próximos anos para o meio ambiente e crescerão 50% para edifícios e espaços públicos, energia e eletricidade e gestão de água e resíduos.

A cidade inteligente não se refere apenas à adoção de tecnologia, mas também aos vínculos comerciais com outras cidades e países, além do desenvolvimento de parcerias com os ecossistemas locais e globais de comunidades acadêmicas e comerciais. Por exemplo, 48% das cidades pesquisadas trabalham com instituições acadêmicas para encontrar soluções de Smart Cities, enquanto que 57% das cidades trabalha com empresas e outras entidades não públicas para reunir dados. Espera-se que os dados resultantes de *crowdsourcing*, geoespaciais e comportamentais aumentem meteoricamente nos próximos três anos.

Miguel Eiras Antunes destaca ainda “a relevância da recolha de dados para uma gestão holística das cidades. Na Deloitte desenvolvemos soluções que criam um impacto tangível na forma como administramos as nossas cidades. Uma delas passa pela integração de soluções e plataformas de dados que, ao invés de trabalhar de forma isolada, agregam e gerem os dados de todas as áreas da cidade. Em Portugal, o *case study* é a cidade de Cascais, cujo projeto foi alvo de atenção pelo Fórum Económico Mundial, que veio a Portugal para estudar o sistema integrado de mobilidade do município de Cascais, com vista a replicar as melhores práticas em cidades globais”.

As cidades utilizam dados e análises avançadas nos seus ecossistemas, no entanto deparam-se com algumas dificuldades provenientes da falta de colaboradores com competências em análise de dados e um quadro regulamentar que precisa de ser melhorado. 52% necessita do apoio dos cidadãos e de outros *stakeholders* e 48% afirma precisar de garantias de que a velocidade do desenvolvimento acompanha as necessidades das empresas e dos cidadãos.

### **Portugal como Centro de Excelência da Deloitte para Smart Cities**

Segundo Miguel Eiras Antunes, “Portugal tem todas as condições para ser pioneiro a nível global na área das Smart Cities. O caso de sucesso de Cascais, mas também toda a transformação no setor da mobilidade em Lisboa e o investimento na transição digital do país criam todas as condições para desenvolver em Portugal produtos tecnológicos internacionalizáveis capazes de serem exemplos a nível global. Considero inclusive que, temos a dimensão adequada para com uma estratégia concertada a nível nacional, podemos ambicionar vir a ser uma referência enquanto Smart Nation, à semelhança de Singapura”.

A Deloitte instalou em Portugal um dos seus centros de excelência para Smart Cities, focado no desenvolvimento do seu sistema operativo de cidade: CitySynergy. “A capacidade técnica das nossas pessoas e um grande investimento no desenvolvimento de tecnologia destacou Portugal na rede global da Deloitte e permite-nos hoje liderar a agenda global da Deloitte nesta área das Cidades Inteligentes.”

### **Smart Cities: Revolução Verde e Mobilidade**

As cidades são um elemento muito importante no combate às alterações climáticas, sendo responsáveis pela emissão de mais de 60% das emissões de gases de efeito de estufa a nível mundial. Por isso, estão a alinhar o seu propósito com os objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas

em prol de mundo mais verde.

“Estima-se que 70% da população mundial irá viver em áreas urbanas até 2050, e 90% do crescimento previsto irá estar concentrado na Ásia e África. Apesar das cidades ocuparem 3% do solo terrestre, são responsáveis pelo consumo de 78% da energia do mundo e pela produção de quase dois terços da poluição mundial. Através das tecnologias das Smart Cities, é possível reduzir 90% das emissões das cidades no mundo inteiro e, por esta razão, é urgente acelerar o processo de utilização destas soluções”, explica Miguel Eiras Antunes.

Gestão de Recursos e utilização de dados para melhorar a eficiência nos serviços de resíduos, através da otimização da eficiência da recolha, redução do tempo de espera e gestão da equipa em tempo real, recurso a Energia limpa e armazenamento de energia, através de redes inteligentes e criação de um modelo de mobilidade efetiva, são alguns dos eixos de atuação das cidades na Revolução Verde.

Deborah Sills, líder global de consultoria para Governo e Setor Público da Deloitte, assinalou durante o SCEWC que “é espantoso o número de soluções, fornecedores e capacidades disponíveis a partir do momento em que a cidade passa a ser uma *smart city*”. Alerta, no entanto, que “um plano de mobilidade pode ser muito complexo, não só pelo rápido desenvolvimento de novas formas de transporte, mas também pela integração em áreas como o acesso aos dados e pagamentos. Hoje temos um enorme fluxo nas nossas cidades, e muitos governos não serão capazes de fazer crescer o orçamento na mesma proporção do crescimento da população. Para além disso, o plano de mobilidade precisa de ter em consideração o envolvimento cívico, sendo necessário arranjar novas formas de alcançar os nossos cidadãos”.

### **Motion-e**

A Deloitte lançou ainda em Barcelona o Motion-e, um poderoso conjunto de ferramentas de próxima geração, equipado com as mais recentes tecnologias de inteligência artificial, simulação e *big data*, para revolucionar o planeamento e a operação de redes de transporte ferroviário. Esta solução representa um passo significativo na estratégia da Deloitte para acelerar e otimizar a infraestrutura de transportes e baseia-se em anos de experiência no apoio a infraestruturas ferroviárias em países como o Reino Unido e a Austrália.

Miguel Eiras Antunes assinala que “o setor dos transportes ferroviários sofre problemas e desafios como excesso de capacidade, infraestruturas e gestão de horários. Uma solução como a Motion-e, através da compreensão de dados, economiza tempo e custo, reduzindo a extensão e a probabilidade de problemas e imprevistos”.